



A EPIDEMIA DA OBESIDADE: UM MAPEAMENTO DO IMC POPULACIONAL NA CIDADE DE ITAPERUNA-RJ

RENATO MARCELO RESGALA JÚNIOR
Dr. Sociologia Política - UENF

THAÍS COIMBRA BATISTA
Acadêmica do curso de Medicina – Centro Universitário Redentor-AFYA

Linha de pesquisa: Ciências humanas, sociedade e saúde

Resumo

A obesidade no Brasil é crescente e uma preocupação constante para a saúde pública, que atinge a vida social e cultural de parte considerável da população brasileira. Essa doença pode ser definida como o comprometimento orgânico complexo, de diversas etiologias, cujo tratamento é vário, pois a sua progressão é em longo prazo. Na maioria das vezes, a obesidade está associada a comorbidades, nem sempre reversíveis após a intervenção terapêutica, tornando-se uma doença cada vez mais comum e preocupante, devido a todos os riscos com que a ela estão relacionados: alguns estudos demonstram que a obesidade é um fator de risco para o desencadeamento de diversas doenças, sendo elas, síndrome metabólica, Diabetes Mellitus tipo II, doenças cardiovasculares, doenças respiratórias, doenças do trato digestório, doenças psiquiátricas, neoplasias e osteoartrose. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2014) e dados brasileiros atuais (Brasil, 2017a, 2017b; Globo, 2017 e 2019; Frederico, 2017), a prevalência de obesidade está aumentando gradativamente, atingindo dimensões pandêmicas. Para se ter uma visão em escala global, mais de 1 bilhão de pessoas adultas são consideradas com sobrepeso, sendo que mais de 300 milhões delas estão obesas. Com isso, essa pesquisa pretenderá apontar quadros sobre as condições do peso de mulheres e homens da cidade de Itaperuna-RJ.

Palavras-chave: obesidade; comportamento alimentar; cuidados da saúde

Abstract

Obesity in Brazil is growing and a constant concern for public health, which affects the social and cultural life of a considerable part of the Brazilian population. This disease can be defined as a complex organic impairment, of different etiologies, whose treatment is varied, as its progression is long-term. Most of the time, obesity is associated with comorbidities, which are not always reversible after therapeutic intervention, making it an increasingly common and worrying disease, due to all the risks associated with it: some studies show that obesity It is a risk factor for the onset of several diseases, including metabolic syndrome, Type II Diabetes Mellitus, cardiovascular diseases, respiratory diseases, digestive tract diseases, psychiatric diseases, neoplasms and osteoarthritis. According to the World Health Organization (2014) and current Brazilian

data (Brasil, 2017a, 2017b; Globo, 2017 and 2019; Frederico, 2017), the prevalence of obesity is gradually increasing, reaching pandemic dimensions. To have a global view, more than 1 billion adults are considered overweight, with more than 300 million of them obese. Therefore, this research will aim to provide information about the weight conditions of women and men in the city of Itaperuna-RJ.

Keywords: obesity; eating behavior, health care.

INTRODUÇÃO

“O corpo – o que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele – é um agente da cultura” (Susan Bordo)

No Brasil, a obesidade é uma doença crescente e alarmante, como denotam os dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM, 2023, *online*):

Dados do Ministério da Saúde, obtidos em um levantamento inédito, apontam que a obesidade atinge 6,7 milhões de pessoas no Brasil. O número de pessoas com obesidade mórbida ou índice de massa corporal (IMC) grau III, acima de 40 kg/m², atingiu 863.086 pessoas no ano passado. As informações públicas estão sendo divulgadas pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM) no dia – 4 de março – data alusiva e que marca a importância do combate à obesidade entre adultos e crianças.

Em 2019, 407.589 pessoas foram diagnosticadas com obesidade grau III, o que representava 3,14% das pessoas monitoradas. Já em 2022, o número subiu para 863.083 brasileiros diagnosticados com o mais grave nível de obesidade, totalizando 4,07% da população. Esse ponto percentual representa um crescimento de 29,6% em apenas 4 anos.

A obesidade grau I atinge 20% e a obesidade grau II já é 7,7% da população, o que representa 1,6 milhões de pessoas em 2022. Já o sobrepeso atinge atualmente 31% ou 6,72 milhões dos brasileiros que participaram da tabulação do SISVAN.

Ao todo, 21,2 milhões de brasileiros participaram da tabulação do sistema de vigilância alimentar e nutricional, provenientes do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN). A pesquisa – realizada por abrangência, região de cobertura, fase da vida, sexo, raça/cor, origem do registro, entre outras – está disponível por município, região e regional de saúde, para todo o Brasil

Face a um sistema de promoção de alimentação industrializada, excessiva em carboidratos e poucas vitaminas, a maioria dos obesos passa grande parte de sua vida envolvida em dietas, atividades físicas e tratamentos exaustivos com nutricionistas e médicos, além do uso de remédios recomendados ou até mesmo pela automedicação:

mulheres e homens obesos ou com sobrepeso se sentem segregados nesse cenário, tornam-se atores de um combate constante com o próprio corpo, em uma sociedade que exclui e violenta os que não se encaixam em padrões preestabelecidos: uma luta diária, marcada pela estigmatização (Goffman, 1963) e por agruras que implicam em rotineiras mudanças de hábitos alimentares e estilo de vida (Cunha, 2006).

Dessarte, a obesidade no Brasil é uma preocupação constante para a saúde pública, que atinge a vida social e cultural de parte considerável da população brasileira. Essa doença pode ser definida como o comprometimento orgânico complexo, de diversas etiologias, cujo tratamento é vário, pois a sua progressão é em longo prazo. Na maioria das vezes, a obesidade está associada a comorbidades, nem sempre reversíveis após a intervenção terapêutica, tornando-se uma doença cada vez mais comum e preocupante, devido a todos os riscos com que a ela estão relacionados: alguns estudos demonstram que a obesidade é um fator de risco para o desencadeamento de diversas doenças, sendo elas, síndrome metabólica, Diabetes Mellitus tipo II, doenças cardiovasculares, doenças respiratórias, doenças do trato digestório, doenças psiquiátricas, neoplasias e osteoartrose.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2014) e dados brasileiros atuais (Brasil, 2017a, 2017b; Globo, 2017 e 2019; Frederico, 2017), a prevalência de obesidade está aumentando gradativamente, atingindo dimensões pandêmicas. Para se ter uma visão em escala global, mais de 1 bilhão de pessoas adultas são consideradas com sobrepeso, sendo que mais de 300 milhões delas estão obesas.

Circunstancialmente, as condições que propiciam esses maus hábitos alimentares e o baixo índice de práticas de educação física se solidificam num tempo de consumismo acelerado. Assim, crianças, jovens, adultos e idosos vêm, gradativamente, sofrendo tanto com as dificuldades em sua saúde corporal quanto em sua convivência social, provenientes do sobrepeso e da obesidade. Nesse cenário, há algumas décadas, concomitantemente, ocorre o aumento progressivo da busca por alternativas (rápidas, por vezes, mas será que eficazes a longo prazo?) para a epidemia da obesidade, como o procedimento da cirurgia bariátrica, as práticas terapêuticas (ABESO, 2023, online) e os inúmeros tipos de dietas – o mais das vezes, extremos e dilacerantes.

Com isso, essa pesquisa pretenderá apontar o quadro da estigmatização – cultural e social – de mulheres e homens obesos ou com sobrepeso, as representações culturais que ambos instituem com seu corpo e gênero e quais suas perspectivas em torno de suas identidades, quando há a convivência diária com o sobrepeso ou obesidade.

Dessa forma, executamos uma pesquisa sobre o peso populacional de uma cidade interiorana, como a cidade de Itaperuna, no interior do estado do Rio de Janeiro, que refletirá e se relacionará com as projeções sobre a obesidade nacional, dados que remetem a um constante aumento do peso das pessoas, motivado pela má alimentação, pelo tempo escasso para os hábitos alimentares e de cuidado de si saudáveis. Para isso, analisamos prontuários de pacientes atendidos pelo CACI – UniRedentor Afya.

JUSTIFICATIVA

Com a obesidade mulheres e homens se sentem diferentes na sua relação com o corpo e, por extensão, com seu gênero e sua sexualidade. Vários são os fatores sociais e culturais que levam à essa condição como as crescentes transformações da sociedade, no campo da cultura, da política e, principalmente, da economia, tornando-se traduções dos reflexos de um tempo de consumismo exacerbado, que levam ao distanciamento quanto à qualidade dos hábitos considerados saudáveis e à melhoria da qualidade na alimentação e de práticas de atividades físicas. Estar bem fisicamente e bem mentalmente são ideais almejados por essas mulheres e homens obesos ou com sobrepeso, mas que se esbarram em face às condições socioeconômicas do ocidente.

Um rastro dessa situação que gera a exclusão de pessoas é a curva ascendente do aumento da epidemia de obesidade nos últimos decênios, constituindo-se enquanto uma doença crônica com a qual o ocidente sofre¹, gradativamente elevando o número de mortes. Uma questão disso decorre: quais mudanças nos hábitos alimentares da sociedade contemporânea explicariam o aumento excessivo na incidência do sobrepeso e da obesidade? Provavelmente a industrialização da alimentação, o tempo escasso para as práticas de exercício e as mudanças alimentares nos centros urbanos seriam respostas rápidas a essa questão. Porém a epidemia da obesidade traz sua teia de complexidade e, portanto, justifica-se a necessidade de estudos multiparadigmáticos como se pretenderá empreender nesta pesquisa.

Válido notar que, nesse contexto epidêmico da saúde pública nacional, homens e mulheres obesas vêm buscando alternativas para a melhoria da qualidade de vida: a

¹ Desde o começo do século XXI, o aumento da obesidade é significativo em países como Brasil, EUA e Argentina, utilizados aqui como ilustração desse aumento significativo da obesidade e sobrepeso, como se pode verificar nas estatísticas governamentais dos Ministérios da Saúde nacionais: <https://www.aafp.org/news/health-of-the-public/20181015obesityrpt.html>; <https://nacoesunidas.org/na-america-latina-36-milhoes-de-pessoas-se-tornam-obesas-a-cada-ano/>; <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-04/mais-da-metade-dos-brasileiros-esta-acima-do-peso>.

cirurgia bariátrica e a terapêutica (como acompanhamento psicológico e nutricional) é um dos recursos que, a cada ano, vem ajudando a se reencontrarem com a melhoria do estado de sua saúde e da sua autoestima em relação ao corpo e gênero.

Assim, dir-se-ia até que os corpos de mulheres e homens são, de fato, *discursos*, percebidos como construtos simbólicos que se reorganizaram no decorrer dos séculos e que, um dia, vieram bater à porta: assim se expõe Courtine (2013, p. 13), quando afirma que, enquanto um problema do campo da história humana, o corpo aparece nas discussões e análises sociológicas, revisitando o pensamento ocidental após o século XIX. Se até o século XIX o corpo era relegado nos estudos sociológicos e controlado pelos princípios religiosos, com o século XX (e, por extensão, no século XXI), os campos de pesquisas e de análises sobre os corpos se dilatariam e a sua conceituação se tornaria uma questão-chave para os estudos acadêmicos, não somente na área de saúde, mas, também, nas linhas de pesquisas sociológicas, como os estudos de gênero e os da relação entre saúde e sociedade.

Nesse caminho, analisar os aspectos sociais da estigmatização (Goffman, 1963; Stenzel, 2003) dos corpos de pessoas com obesidade acentuada ou sobrepeso será o mote de nossa pesquisa, encontrando sua justificativa, pois “esse problema de saúde pública é também uma questão social, já que os indivíduos acometidos por ele são estigmatizados” (Poulain, 2013, p. 13) e, com isso, mulheres e homens obesos ou com sobrepeso perdem a autoestima e experimentam a exclusão estereotipada da sociedade contemporânea.

Os corpos de mulheres e homens falam, querem espaço no âmbito acadêmico e, ao exigirem sua presença nas discussões universitárias, trazem problematizações culturais que devem ser consideradas, como as de relações de gênero, formações familiares, faixas etárias (os corpos das crianças, de adolescentes e de idosos), além de questões relativas ao consumo, estética, prazer e à própria sexualidade.

Dessa forma, essa pesquisa – que está na interface entre as ciências sociais, humanas e ciências da saúde – encontra sua justificativa na análise das representações de corpo e gênero de mulheres e homens obesos, que experimentam ou experimentaram diariamente a exclusão social e identitária, com um histórico de vida de estigmatização pela sua diferença estética-corporal.

Para essa pesquisa, delimitamos, *a priori*, algumas hipóteses, a saber:

- a) Nossa primeira hipótese é a de que uma pesquisa sobre o peso populacional de uma cidade interiorana, como a cidade de Itaperuna, no interior do estado do Rio de Janeiro, refletirá e se relacionará com as projeções sobre a obesidade nacional, dados que remetem a um constante aumento do peso das pessoas, motivado pela má

alimentação, pelo tempo escasso para os hábitos alimentares e de cuidado de si saudáveis.

- b) Nossa segunda hipótese é a de que as mulheres obesas ou com sobrepeso são mais propícias a problemas relacionados à saúde mental quanto ao seu peso do que os homens, e isso se deve por elas serem mais cobradas, social e culturalmente, com relação à sua aparência física;
- c) Nossa terceira hipótese é a de que o aparecimento de problemas de saúde mental e autoestima dessas mulheres e homens tem um relativo crescimento quando há o aumento do peso ou mesmo a autopercepção estigmatizada;
- d) Nossa quarta hipótese é que pessoas obesas possuem mais comorbidades do que pessoas com peso considerado normal.
- e) Posto que a obesidade no Brasil seja crescente e uma preocupação constante para a saúde pública, enquanto verdadeira epidemia que atinge a vida social e cultural de homens e mulheres, nossa hipótese final seria a de que existam contribuições médicas e, por consequência, sociais que provêm com tratamentos (cirúrgicos ou terapêutico) a pessoas com obesidade, contribuições essas que promovem mudanças na qualidade de vida social, assim como sobre as percepções do corpo, numa valorização da própria identidade e com uma significativa melhoria do condicionamento físico quando há a perda de peso (proveniente de procedimentos cirúrgicos ou terapêuticos)

OBJETIVOS

Como objetivos a serem desenvolvidos em nossa pesquisa, buscaremos:

- a) Traçar o perfil de pessoas com obesidade da cidade de Itaperuna-RJ, tais como raça/etnia, escolaridade, profissão/ocupação, renda, estado civil e gênero, numa amostragem *survey* com um *n* de 298 pessoas, para uma margem de erro de 5% e intervalos de confiança de 95% (IC 95%);
- b) Discutir sobre a epidemia da obesidade no Brasil e suas relações com a identidade cultural e experiências de vida de homens e mulheres;
- c) Apresentar as principais causas da obesidade na atual sociedade brasileira, seus fatores sociológicos, culturais, assim como as perspectivas relacionadas à saúde dos sujeitos.

METODOLOGIA

A nossa pesquisa se desenvolverá por meio de uma pesquisa quali-quantitativa, com uma análise de referenciais teóricos, a partir da verificação de dados obtidos por meio de prontuários de atendimento médico de pessoas da cidade de Itaperuna-RJ, numa amostragem *survey*, com um *n* de 298 pacientes, pessoas adultas (faixa etária de 20 a 70 anos), de ambos os sexos², com uma margem de erro de 5% e grau de confiança de 95% sobre os dados coletados.

Todos os participantes desta pesquisa terão garantido o sigilo dos dados pessoais e será garantida a utilização das informações coletadas apenas para pesquisa científica. Todos os dados

Para o procedimento (verificação do prontuário médico), selecionaremos, aleatoriamente, sem nosso conhecimento dos sujeitos de forma prévia, 298 dados de pacientes, sendo que, por projeção, cinquenta por cento (50%) serão do sexo masculino e cinquenta por cento (50%) do sexo feminino; com relação à raça e gênero, por ser um quesito pertinente à autodeclaração, não determinaremos o quantitativo; com relação à faixa etária, pretendemos entrevistar trinta e quatro por cento (34%) de pessoas adultas entre 18 a 30 anos, trinta e três por cento (33 %) de pessoas adultas entre 31 e 40 anos e trinta e três por cento (33 %) de pessoas adultas entre 41 e 60 anos. O quesito renda/classe será determinado pelo preenchimento *in vivo* do questionário, sendo imprecisa a sua predeterminação. O IMC será a base para a verificação do peso corporal exposto no prontuário.

Como este estudo partirá da análise dos dados de IMC de pacientes homens e mulheres, com vistas a compreender os graus da obesidade na cidade de Itaperuna, obesidade, não se fecha o circuito analítico, pois, posteriormente, pretende-se realizar entrevistas com profissionais da saúde (gastroenterologistas, cirurgiões bariátricos e demais profissionais) que nortearão o entendimento acerca de dados relacionados à obesidade.

Acreditamos que, com essas entrevistas de profissionais, várias respostas, tanto por parte da equipe profissional e médica, quanto por parte dos pacientes, aos cenários de uma sociedade de consumo exacerbado, de exclusão da imagem do corpo obeso e do entendimento das causas do crescimento da obesidade (*in casu*, o crescimento do

² O município de Itaperuna, de acordo com o último censo demográfico (2021) possui 69.090 pessoas adultas (acima de 20 anos), sendo 32.769 que se identificaram como do sexo masculino, e 36.321 que se declararam do sexo feminino. Dessa forma, na faixa etária direcionada da pesquisa (acima de 20 anos), 53% são do sexo feminino e 47% do sexo masculino.

peso populacional local) virão à tona e serão fundamentais para o desenvolvimento da análise crítica de nossa pesquisa.

Para o aporte teórico, tomaremos como aportes teóricos, os livros *Sociologia da Obesidade*, de Jean-Pierre Poulain (2013), e *As metamorfoses do Gordo*, de Georges Vigarello (2012), em que analisam os aspectos culturais, simbólicos e sociológicos sobre a obesidade e as identidades de pessoas obesas no trânsito histórico ocidental. Além dessas colocações e análises, uma pesquisa de metadados de trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado) colaborará para uma reflexão sobre a discussão acadêmica da temática da obesidade em relação ao corpo e gênero. Dessa forma, trataremos de uma comparação histórica-social que nos permitirá discernir as transformações assimiladas, rejeitadas, disformadas ou transfiguradas (Paugam, 2017, p. 61) no interior do discurso sobre a obesidade de homens e mulheres. Essa pesquisa de levantamento de artigos se dará com autores e títulos que remetam aos estudos de corpo e gênero, cultura e identidade e dados relacionados à obesidade, apontados no quadro teórico desse pré-projeto.

Acerca da obesidade e tratamentos, pesquisaremos dados referentes à obesidade no Brasil e em outros países, em uma perspectiva comparativa. No referencial teórico, utilizaremos artigos que remetem à definição de obesidade em Bordalo (2018), Costa (2019), Cunha (2006), Lopes (2016), Negrão (2006), Tanaka & Peniche (2009) e Zeve et al (2012); sobre a perspectiva de gênero e identidade em pessoas obesas, a escassez de material se faz presente, apenas há o trabalho nessa linha que é de Almeida (2013; 2016), a saber, um artigo publicado na Revista de Estudos Feministas, e sua tese de doutoramento, em que se apresenta uma série de entrevistas com mulheres, não entrevistando homens, focando, portanto, na questão do gênero feminino somente; numa segunda tese (Resgala Jr, 2023), que traceja as identidades de pessoas obesas de ambos os sexos, que passaram pela experiência de uma vida obesa e realizaram o procedimento da cirurgia bariátrica.

Por fim, esse projeto de pesquisa, por envolver seres humanos e estar relacionado na interface entre as áreas de Ciências Humanas, Ciências da Saúde e Ciências Sociais, já foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme a resolução 510 de 2016 do Ministério da Saúde, e está autorizado pelo parecer **CAAE: 38301420.9.0000.5648**. Assim, a presente pesquisa se desdobrará em um estudo *survey* sobre o atual estado da obesidade local, com 298 pacientes da cidade de Itaperuna-RJ, numa amostragem com margem de erro de 5%, e 95% de acerto.

DISCUSSÃO

Circunstancialmente, as condições que propiciam esses maus hábitos alimentares e o baixo índice de práticas de educação física se solidificam num tempo de consumismo acelerado. Assim, crianças, jovens, adultos e idosos vêm, gradativamente, sofrendo tanto com as dificuldades em sua saúde corporal quanto em sua convivência social, provenientes do sobrepeso e da obesidade. Nesse cenário, há algumas décadas, concomitantemente, ocorre o aumento progressivo da busca por alternativas (rápidas, por vezes, mas será que eficazes a longo prazo?) para a epidemia da obesidade, como o procedimento da cirurgia bariátrica, as práticas terapêuticas (ABESO, 2023, *online*) e os inúmeros tipos de dietas – o mais das vezes, extremos e dilacerantes.

Com isso, essa pesquisa pretenderá apontar a realidade do aumento de peso populacional. Assim, o problema central dessa pesquisa é: *de que forma a obesidade influencia a qualidade de vida de mulheres e homens em sua relação com seu corpo e suas relações afetivas e sociais?*

Nesse passo, acreditamos que a pesquisa com os prontuários servirá como uma amostra populacional (*vide* a Metodologia deste projeto) que poderá nos esclarecer e explicitar como os dados nacionais se encontram com respostas quantitativas de uma localidade interiorana do país.

No primeiro momento dessa pesquisa, trabalharemos com o prontuário, selecionando um *n* de 300 a 380 pessoas da cidade de Itaperuna-RJ, de ambos os sexos, de forma a quantificar o IMC médio populacional local. Nesse mesmo passo, seguindo os protocolos do Comitê de Ética e Pesquisa, pretendemos, de forma qualitativa, discutiremos como se dão as representações sobre o corpo.

Em seguida, realizaremos a quantificação dos dados coletados de forma a apresentar um quadro do peso populacional local. Para a quantificação dos dados coletados, será utilizado o programa SPSS 12.0. Os dados estão expressos em mediana e intervalos de confiança de 95% (IC 95%).

Projetamos, por final, divulgar os resultados por meio de artigo científico e apresentação no Congresso de Iniciação Científica da UniRedentor – AFYA - CIC 2024, para efetivar nossa pesquisa em âmbito acadêmico e social.

Imprescindível torna-se esse projeto, no que concerne às possibilidades de práticas de gestão de verbas e ações de educação em saúde do município, voltadas para a prevenção da obesidade e das doenças correlacionadas. Assim, podemos afirmar que

não é um projeto que se finda com a coleta de dados, mas que se abre para novas discussões sobre a obesidade, o hábito alimentar e as condições de vida.

Com a obesidade mulheres e homens se sentem diferentes na sua relação com o corpo e, por extensão, com seu gênero e sua sexualidade. Vários são os fatores sociais e culturais que levam à essa condição como as crescentes transformações da sociedade, no campo da cultura, da política e, principalmente, da economia, tornando-se traduções dos reflexos de um tempo de consumismo exacerbado, que levam ao distanciamento quanto à qualidade dos hábitos considerados saudáveis e à melhoria da qualidade na alimentação e de práticas de atividades físicas. Estar bem fisicamente e bem mentalmente são ideais almejados por essas mulheres e homens obesos ou com sobrepeso, mas que se esbarram em face às condições socioeconômicas do ocidente.

Posto que a obesidade no Brasil seja crescente e uma preocupação constante para a saúde pública, enquanto verdadeira epidemia que atinge a vida social e cultural de homens e mulheres, nossa hipótese final seria a de que existam contribuições médicas e, por consequência, sociais que provêm com tratamentos (cirúrgicos ou terapêutico) a pessoas com obesidade, contribuições essas que promovem mudanças na qualidade de vida social, assim como sobre as percepções do corpo, numa valorização da própria identidade e com uma significativa melhoria do condicionamento físico quando há a perda de peso (proveniente de procedimentos cirúrgicos ou terapêuticos).

Sobre o corpo delineamos nossas identidades e, com ele, perfazemos as nossas vivências. Experimentamos nossas relações socioculturais com a pele e com todas as nossas marcas sensoriais: cheiramos, ouvimos, degustamos, tocamos e percebemos o mundo em suas multiplicidades com a história de nosso corpo. Com o corpo, transparecemo-nos, inclusive por meio da arte corporal, desde tatuagens e piercings a performances e linguagem corporal: é com ele que nos apresentamos à vida. Porém, se aquilo que transmitimos com nossa imagem destoa do que é vigente, do que é a voga de um tempo, vemos nossas identidades (aquilo que trazemos como intrinsecamente nosso, em nosso próprio corpo) em xeque.

Os padrões da estética-corporal foram, historicamente, modificando-se, assim como os hábitos alimentares, os comportamentos nos ambientes sociais, a linguagem corporal, segundo pautaram Vigarello (2003) e Courtine (1995), sendo que, hoje, as representações sobre o corpo, projetadas pela cultura fitness e pela aparência estética de uma pessoa magra, determinam a sua inclusão e inserção nos mais variados contextos sociais, como no âmbito do trabalho, da escola e até da família.

Nos aeroportos, nos parques, nas estações de trem e ônibus, pessoas que não se enquadram nos moldes – tracejados pelos cartazes, outdoors, variadas propagandas

contemporâneas, embalagens e invólucros, presentes, pois, nos atuais espaços públicos – sentem-se fora de seu lugar: do obeso mórbido – que, para se sentar em uma fileira em um cinema, ouve as agressões e piadas sobre o seu tamanho – às magérrimas meninas – que são impulsionadas, em sua maioria adolescentes, a seguir sempre magérrimas para serem aceitas em seus grupos sociais.

De fato, a sociedade está em face a um momento de contínua manipulação sobre o imaginário do corpo, uma construção cultural, que se coaduna com os hábitos e costumes da cultura ocidental: prática do consumo alimentar rápido, uma cultura fast-food que vem transformando os corpos, reinventando as identidades, produzindo uma nova categoria zumbi, parafraseando Zygmunt Bauman (2016), em que pessoas se tornam dependentes de mercadorias e bens de consumo, para o prazer do corpo e satisfação (insaciável, porém) dos egos e vontades.

Fomos moldados para sermos consumidores ativos, zumbis categorizados por um sistema em que prevalece a perpetuação da aquisição contínua de bens e serviços. Zygmunt Bauman (2008, p.26-27) bem engendrou seu posicionamento:

Como consumidores, fomos, adequadamente, preparados pelos gerentes de marketing e redatores publicitários a desempenhar o papel de sujeito – um faz de conta que se experimenta como verdade viva; um papel desempenhado como “vida real”, mas que com o passar do tempo afasta essa vida real, despindo-a, nesse percurso, de todas as chances de retorno. E à medida que mais e mais necessidades da vida, antes obtidas com dificuldades, sem o luxo do serviço de intermediação proporcionado pelas redes de compras, tornam-se ‘comodizados’ (a privatização do fornecimento de água, por exemplo. levando invariavelmente à água engarrafada nas prateleiras de lojas), as fundações do ‘fetichismo da subjetividade’ são ampliadas e consolidadas. Para completar, a versão popular e revista do cogito de Descartes, ‘Compro, logo sou...’, deveria ser acrescentado por um ‘sujeito’. E à medida que o tempo gasto em compras se torna mais longo (fisicamente ou em pensamento, em carne e osso ou eletronicamente), multiplicam-se as oportunidades para se fazer esse acréscimo

As cidades do século XXI criam seus espaços de exclusão por meio de símbolos culturais: semideuses são constantemente personificados em roupas de marcas, verdadeiros ícones da perfeição estética que (re)criam os padrões de beleza e alimentos que são in (e quem não os conhece estará out, fortalecendo, peremptoriamente, os cenários de vivências de onde sobressaem as marcas do estigma social).

Georges Vigarello (2012, p. 245) traz-nos uma imagem icônica da história francesa que encena esse cenário de exclusão: as bicicletas vendidas no começo do século XX eram feitas tão somente para pessoas até 70 kg, denotando cada vez mais

que “o universo técnico” transformava “a avaliação do peso corporal em uma coisa cada vez mais corriqueira”.

Nesse interregno, perguntamo-nos: como o gordo se sente numa sociedade que segrega aqueles que não se encaixam em padrões e estereótipos? O que a história da obesidade neste nosso país pode nos contar? Que instrumentos (técnicos, científicos, culturais) a indústria alimentícia, sob a sombra da indústria cultural da propaganda de massa, lança mão a seu favor, ou melhor, a favor do lucro e do aumento considerável de peso populacional? Não seriam antagônicas e incoerentes as imagens midiáticas que proliferam no cotidiano das cidades, em relação aos corpos das pessoas? Do outro lado dos problemas relativos à obesidade, como a anorexia e a bulimia estão transformando mulheres, em especial jovens, em face ao estado de temor de ser percebida como gorda, fora dos padrões?

Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2016) joga-nos em um acontecimento, no mínimo, ambíguo da vida da Corte: numa quermesse no Cassino Fluminense, em 1886, a família imperial promovera uma festa que duraria dias, com toda a fartura de alimentos, com o intuito de arrecadar fundos para os mais desamparados e famintos da sociedade carioca. Regada de ceias gordurosas, vinhos e todas as formas de quitutes, os nobres e a realeza se fartaram no banquete, num desfile de seus corpos opulentos e vantajosos: “Os Orleans, Bourbons e Braganças ainda podiam sentir orgulho por serem pesados” (Sant’anna, 2016, p. 12). Era uma cultura alimentar do peso que se refletia como poder: no século XIX e no começo do século XX, a correlação entre peso e classe social era nítida.

A autora observa, buscando em fontes de jornais e revistas da época, que de um lado, o corpo gordo, algumas vezes, era representado pela imagem do animal para abate (vendidos em açougue, o gordo era o boi, o porco, o leitão), por outras como elementos geométricos de circunferência ampla (eram os homens-balões, as mademoiselles “Zeppelin”); por outro lado, até meados do século XX, a imagem do homem gordo ainda resistia como símbolo da riqueza e ostentação. Entre as imagens circenses, cômicas e inusitadas do corpo de homens gordos e mulheres obesas, Sant’Anna (ibid., p. 24-25) apontará o fardo social que se representava nesse período histórico: o tamanho corporal como uma ranhura nas identidades de pessoas, que culminaria no crescimento da epidemia da obesidade no final do século XX e começo do século XXI.

Dos campeonatos de comida às mudanças do uso das palavras como ‘guloseima’, ‘gulodice’ e o aparecimento da palavra ‘gastronomia’ no vocabulário das cidades, o peso corporal, durante anos, demarcou as identidades sociais e de classe no país. De um lado, o gordo corpulento que possuía as economias para se abastecer,

enchendo as prateleiras de seu “corpo-armazém” (ibid., p. 39); de outro, a figura do magricela, muito bem representado pelo Jeca Tatu de Monteiro Lobato, era o insalubre e sem prosperidade, alvo das propagandas inescrupulosas de elixires e xaropes messiânicos: como o remédio Sargol que “era possível encher o corpo e ganhar entre cinco e sete quilos de ‘carne sólida e permanente’ (ibid., p. 35). Válido ainda notar o trabalho investigativo de Sant’Anna sobre as ofensas direcionadas às pessoas magras deste período, além da crítica ao modo como se subjugavam as mulheres à função de reprodutora da família (ibid., p. 50), que eram válidas pelas suas ‘ancas’ bem torneadas.

Sant’Anna retrata, ainda, a imagem da “criança robusta”, divisora de águas da relação entre o gordo e o magro no imaginário cultural que havia se consolidado inclusive no cinema (o famoso filme “O gordo e o magro”, em inglês, “The Lucky Dog”, de 1921). A autora analisa também as imagens de bebês que deixaram “à margem da história e à sombra do sucesso os bebês e crianças julgados magricelas, assim como as mães que ignoravam as leis básicas da boa nutrição” (ibid. p. 59-60). Para ela, os magros eram enxotados da representação de uma nação cuja imagem corporal da opulência e poder econômico se dava pela ‘robustez’.

Porém, com o avanço da industrialização no país, a imagem do gordo será realocada. Vigarello (2012, p.10), assim, sintetiza sobre a passagem da imagem do corpo gordo como símbolo de riqueza e poder para o de problemático:

“(…) Prestígio e modelo mudaram: as antigas tabelas de alimentos empilhados desaparecem, o acúmulo alimentar já não é sinal de força, mas sim de descuido ou grosseria. A história do gordo está ligada a essas reviravoltas. O desenvolvimento das sociedades ocidentais promove o afinamento do corpo, a vigilância cerrada da silhueta, a rejeição do peso de maneira mais alarmada. O que transforma o registro da gordura, denegrindo-a, aumentando o seu descrédito e privilegiando insensivelmente a leveza. A amplitude do volume afasta-se cada vez mais do refinamento, enquanto a beleza se aproxima mais e mais do que é magro, esguio”.

Sant’Anna aponta como a imagem do homem obeso é dada como descartável, inapta ao momento histórico em que o corpo (corpo-termodinâmico, corpo-máquina) se tornaria sinônimo de energia a ser bem empregada no progresso e na produtividade dentro das fábricas.

Após 1930, o corpo agora tinha à sua frente a figura do “sportman”, o saudável, o esculturalmente preparado para os desafios da sociedade. O corpo-armazém começa a ser questionado face aos perigos dos excessos do peso: o corpo obeso se tornaria um fardo estético e social. Surgem nos jornais os regimes e cardápios para emagrecer e a balança se tornaria o fantasma de muitos que destoavam da imagem sugerida pelas propagandas da época (ibid., p. 77).

De fato, as muitas práticas sociais e técnicas

“geram distinções com nuances nunca vistas. Os corpos desnudam-se mais no final do século XIX, o que aumenta a vigilância sobre o obeso: do lazer à intimidade, da moda ao comportamento. A gordura é denunciada de modo mais precoce, designando de cara o desagradável ou o feio. A pressão sobre o gordo ganha intensidade” (Vigarello, 2012, p. 245)

Sant’Anna traça ainda considerações sobre a ‘barriga’ dos brasileiros. Até à metade do século XX, ter uma barriga avantajada condicionava valores sociais, políticos e afetivos: a barriga se relacionava com o status quo na política; como o bem-sucedido; como o símbolo de um casamento feliz, em que o lar era bem abastecido; e como chamariz da economia local, representada pelos restaurantes que indicavam que ali se comia até “ter que abrir o cinto” (ibid. pp. 87-89).

Se de um lado, a representação proveniente da imagem sobre peso corporal masculino foi mais resistente no século XX, a construção discursiva corporal feminina tendeu a se transformar: é a passagem de uma imagem da ‘matrona’ do começo do século XX à delgada senhora do lar, aquela que não perde ‘a graça e a formosura’ do corpo esbelto, mesmo sendo relegada ao espaço privado e à reprodução da família. Tem-se, portanto, uma nova relação entre o corpo e a estética: é a explosão, neste contexto, das cirurgias plásticas nas barrigas de mulheres que tiveram filhos, a lipoaspiração e a crescente exploração da imagem feminina para a criação de um padrão de beleza que só se consolidaria por meio das inúmeras dietas ofertadas semanal ou diariamente em ‘magazines’.

Sob a influência do american way of life na sociedade brasileira, com a promoção de alimentos industrializados e uma variedade cada vez mais inovadora de aparelhos técnicos voltados para o ambiente doméstico, mudou-se, dia após dia, a estética da casa, principalmente, da arquitetura das cozinhas, a nova dona do lar também deveria se transformar, conservando a beleza estética e elegância de uma mulher magra, como as propagandas em revistas dos anos 50 e 60 traziam (ibid. pp 101-103).

O Brasil assistiu à ascensão das lanchonetes, nos anos de 1970 e 1980, e com ela a adaptação da alimentação de sua população, em especial, nos grandes centros urbanos. Um novo nicho mercadológico viria à tona, o da alimentação das crianças: a lancheira ou merendeira se transformava, das pequenas bolsas de couro às de plástico e adesivadas com personagens do imaginário infantil, garrafas térmicas e divisórias internas. Um público-alvo de um mercado em expansão, as crianças tiveram sua alimentação redirecionada e condicionada.

Ao lado dessa indústria de propaganda, o corpo feminino também era repensado: a moda excluíra as que não tinham o peso ideal, as farmácias passam a vender inúmeros produtos para o extermínio das celulites e remédios para emagrecimento, a comida diet e light entrarão no jogo da luta contra o corpo obeso temido, e as revistas masculinas, como a Playboy, celebravam, semanalmente, a estética da beleza corporal feminina a ser seguida. É a ambivalência da passagem histórica do corpo magro, antes execrado, agora modelo idealizado de perfeição: “‘A magra de ruim’ aproximou-se da imagem dos bons hábitos alimentares. Também no universo erótico, a mulher emagreceu” (ibid. p. 120). Dessa forma, suas questões serão direcionadas à saúde do corpo: da obesidade, que é um fator crescente, verificado por dados e estatísticas na população brasileira, desde o final do século XX e começo do XXI, à presença dos corpos anoréxicos e do aumento da bulimia entre jovens.

Um número sem fim de dietas e remédios, a psicose da ‘lipofobia’ (Fischler, 1991, p. 301), a preocupação com o meio ambiente e a alimentação, o mercado de inibidores de apetite, os adoçantes, as mudanças conceituais (sobrepeso, obesidade mórbida, obesidade em graus), a cirurgia bariátrica e os programas televisivos atuais (como ‘The Biggest Loser’ e ‘Quilos mortais’) formam um cenário na contemporaneidade do temor ao peso, que estigmatizam não somente àqueles que sofrem com a obesidade, mas criam um espetáculo do terror em jovens (em sua maioria, mulheres), que se veem levados a mudanças drásticas em sua alimentação, tornando-se anoréxicas ou sob o distúrbio da bulimia .

Emblemático, dualista, ambíguo: o corpo contemporâneo está no limiar de uma disputa simbólica. Se de um lado, o cortejo por uma sociedade mais ativa na saúde – com as campanhas pela necessidade de se exercitar continuamente, caminhadas, corridas pelas cidades, os passeios ciclísticos (uma nova indústria da propaganda, como percebemos pelas cidades), as academias e personal trainers – surge como uma saída para a luta contra o mal-estar com o corpo, por outro lado, a explosão de lanchonetes, praças de alimentação repletas de fast-foods , o encarecimento da alimentação saudável (Borges et al, 2015, online) e o tempo escasso para a massa populacional se cuidar, além de uma precarização do trabalho constante, elevam o peso do corpo e, cada vez mais, a obesidade atinge proporções ‘pandêmicas’, principalmente, entre as famílias mais carentes, cujo acesso – cultural e, principalmente, econômico – à alimentação fitness e a uma vida social desejável é tão somente uma miragem. Ficamos a questão: a medicalização seria uma alternativa ou mudar radicalmente os hábitos conseguiria dar respostas ao corpo de pessoas obesas?

Longe de ser homogêneo, uniforme, singular e predeterminado, o corpo é plural; as circunstâncias que o transformam, também. Alimentar é, hoje, um espetáculo

mediático, com o aumento de programas televisivos de culinária, varandas gourmets e Food Trucks que oferecem mais do que o alimento: privilegiam a 'experiência' da alimentação'. Emergem nas redes sociais uma nova formação, o 'coaching alimentar', que, mais do que o nutricionista, é símbolo do fetiche, assim como da incapacidade de bem-estar do sujeito com o próprio corpo.

Sob outro prisma, Bauman (2008, p.101-102) assim coloca sobre a nossa contemporaneidade e a velocidade de nossas relações sociais no que se refere à alimentação:

Com a sabedoria que vem da experiência, podemos especular que o que mantinha os membros da família em torno da mesa de jantar, e que fez desta um instrumento de integração e reafirmação da família como grupo permanentemente vinculado, era em grande parte o elemento produtivo do consumo. Na mesa de jantar, e apenas nela, era possível encontrar comida pronta para comer: a reunião na mesa de jantar comum era o último estágio (distributivo) de um longo processo produtivo iniciado na cozinha ou até fora dela, no campo ou na oficina da família. O que unia os comensais, transformando-os num grupo, era a cooperação, concretizada ou esperada, no processo precedente do trabalho produtivo, e compartilhar o consumo do que foi produzido derivava disso. Podemos supor que a 'consequência indesejada' das fast-food, 'para viagem' ou 'comida congelada' (...) seja tornar as reuniões em torno da mesa de jantar da família redundantes, pondo um fim ao consumo compartilhado, ou endossar simbolicamente a perda, por um ato de comensalidade (o consumo em conjunto), das onerosas características de estabelecimento e reafirmação dos vínculos que teve no passado, mas que se tornaram irrelevantes ou mesmo indesejáveis na sociedade líquido-moderna de consumidores. A fast-food está aí para proteger a solidão dos consumidores solitários. (...) O consumo é uma atividade um tanto solitária (talvez até o arquétipo da solidão), mesmo quando, por acaso, é realizada na companhia de alguém. Da atividade de consumo não emergem vínculos duradouros.

A passagem histórica sobre o corpo dos brasileiros, do século XIX ao XXI, é o sinal das transformações comportamentais e da cultura alimentar de um povo.

Sant'Anna observa ainda que, mais do que ser espelho do que é ter saúde, de tempos em tempos, ou beleza, como molde para ser idolatrado e seguido, o corpo é o terreno para lutas simbólicas, batalhas que encenam as representações em torno do que é o poder, o sucesso e a felicidade na sociedade. Por outro viés, vemos que o corpo obeso é representativo de um cenário de estigmatização: diferente, fora do padrão, alienado, espaçoso, desproporcional, estranho, o(a) obeso(a) vivencia as marcas diárias da diferenciação por exclusão.

A obesidade é uma marca corporal que se torna símbolo de exclusão no cenário das relações sociais na contemporaneidade, tanto na família, na escola, nas relações trabalhistas e nas condições afetivo-sexuais.

O corpo obeso é percebido como corpo em negação, corpo estranho, sujeito à exclusão social. Corpo transgressor, pois, ao violar as regras em torno da alimentação, torna-se signo do descontrole dos desejos (ansiedade constante): “o obeso (seu corpo o trai) passa por alguém que come mais do que os outros, mais do que o normal, numa palavra: mais do que sua parte” (Fischler, 1995, p. 74).

Para Goffman (1963), há um contínuo processo de segregação das pessoas que se diferem dos modelos e padrões balizados em contextos histórico-culturais. A identidade social, marca indelével, é um construto simbólico pelo qual os comuns se agregam e se atraem: criam-se as ‘comunidades’ afins, com as quais os que se identificam (os iguais) celebram a sua identificação.

A sociedade, de tempos em tempos, aprimorou-se em rotular os indivíduos, atribuindo o que é ‘natural’ e ‘normal’ a cada grupo ou categorias (Goffman, 1963, p. 09). O estigma do obeso é o estigma da deformidade: corpo disforme, que agrega um atributo que simboliza, atualmente, um problema, mas que já significou poder: a gordura corporal. O gordo é a própria gordura, num reducionismo de sua identidade. A pessoa corpulenta é o reflexo de suas fraquezas, sob o olhar de fora.

Enquanto processo dicotômico (EU x OUTROS, MINHA IDENTIDADE X OS DIFERENTES), o estigma é multiforme e encena momentos de deterioração das identidades dos indivíduos. O gordo, desde o começo do século XX, é percebido como um desvio, um descaminho, e sua aparência uma monstruosidade a ser caçada, destruída, negligenciada, excluída (Vigarello, 2012, p. 298).

Naomi Wolf (2019) empreende uma análise tanto acerca do ideal de beleza feminina, quanto sobre o aprisionamento estético que a sociedade impõe às mulheres. Entre tantos casos que demonstram como o corpo feminino deveria ser padronizado, Wolf (2019, p. 57) apresenta a história de Catherine McDermott que, em 1975, teve de processar “a Xerox Corporation porque a empresa retirou uma proposta de emprego usando seu peso [elevado] como justificativa”.

Tal relato trazido por Woolf (2019, p.57-58) não se distancia do que acontece atualmente. Em agosto de 2021, a ativista estadunidense plus size Fallon Mellilo, de 27 anos, relatou que havia sido impedida de participar de uma festa em Miami. O motivo? Seu peso, sua imagem corporal, seu tamanho. O aviso do site do evento trazia a seguinte colocação:

“Desculpe, nada de garotas grandes para esta festa! O porteiro é rígido com aparências e se você já teve problemas para entrar em clubes exclusivos, então este não é para você! Por favor, não perca seu tempo nem o nosso pensando que podemos levá-lo para dentro se você souber que não atende às qualificações.”

Fica-nos, aqui, uma certeza: o peso e a projeção da imagem corporal são determinantes nos espaços de interação e de relações sociais.

Desses fatos, ficam as questões: a mulher obesa não teria direito ao pertencimento aos espaços públicos? Por que o corpo obeso de homens e mulheres atrai olhares que não são os de aceitação e de entendimento?

Dissonante, o corpo obeso é objeto de ridicularização e de desprezo. É o caso da dançarina e bailarina Thais Carla que ganhou, em outubro de 2021, um processo judicial contra um humorista - cujo nome não foi divulgado - por gordofobia.

Não é o primeiro caso em que a humilhação e o preconceito são alvos da justiça, no que se refere às pessoas obesas, pois, em setembro de 2020, uma empresa de Belo Horizonte foi obrigada a indenizar um funcionário que também sofria por 'gordofobia' por parte de seu supervisor. Segundo a reportagem, o supervisor falava que o funcionário iria 'quebrar as escadas', que a roupa que usava, no caso, a camisa, era 'baby look', por ser curta e apertada, que o "uniforme não lhe cabia mais", tudo isso, de acordo com a reportagem, sempre falado à frente dos colegas do funcionário.

O que restaria às pessoas obesas? Adequarem-se a uma realidade social na qual o culto ao corpo acaba por determinar o bem-estar nas relações cotidianas (com o corpo 'certo', as portas se abririam?!). Apenas a fala de Novaes (2011), de que o mundo atual não é um mundo para os gordos.

Apresentaremos, a seguir, os dados nacionais sobre a obesidade e os coletados em parceria com o CACI-Itaperuna:

Em relação aos gráficos, a obesidade é considerada um fator que impacta na saúde pública e também na vida social e cultural, o gráfico 1 (ABESO – 2019) refere-se a dados em nível nacional da obesidade, tendo uma porcentagem maior para as mulheres. Logo, elas estão sobressaindo em relação aos homens. Dando sequência, o gráfico 2 (ABESO – 2019) demonstra em nível estadual (Rio de Janeiro) os dados que corresponde ao sexo feminino com maior porcentagem de obesidade. Os gráficos 3 e 4 (Autores) descrevem informações coletadas durante a pesquisa de campo por meio dos prontuários médicos sobre o sexo masculino em nível municipal (Itaperuna), totalizando 46 homens com obesidade e uma porcentagem de 35%. Ademais, os gráficos 5 e 6 (Autores) traduzem os dados que foram coletados durante a pesquisa sobre o sexo feminino em nível municipal (Itaperuna), totalizando 57 mulheres com obesidade e uma porcentagem de 35%.

Portanto, os gráficos que ilustram o cenário da cidade de Itaperuna-RJ confirmam que a cidade segue o padrão dos dados tanto estadual quanto nacional que demonstra que o sexo feminino comanda no quesito obesidade.

NÚMEROS DA OBESIDADE NO BRASIL

Excesso de peso: 55,4%
(IMC igual ou maior do que 25)

Homens: 57,1%

Mulheres: 53,9%

Obesidade: 19,8%
(IMC igual ou maior do que 30)

Homens: 18,7%

Mulheres: 20,7%

Gráfico 1: Dados da obesidade no Brasil

Fonte: ABESO (2019)

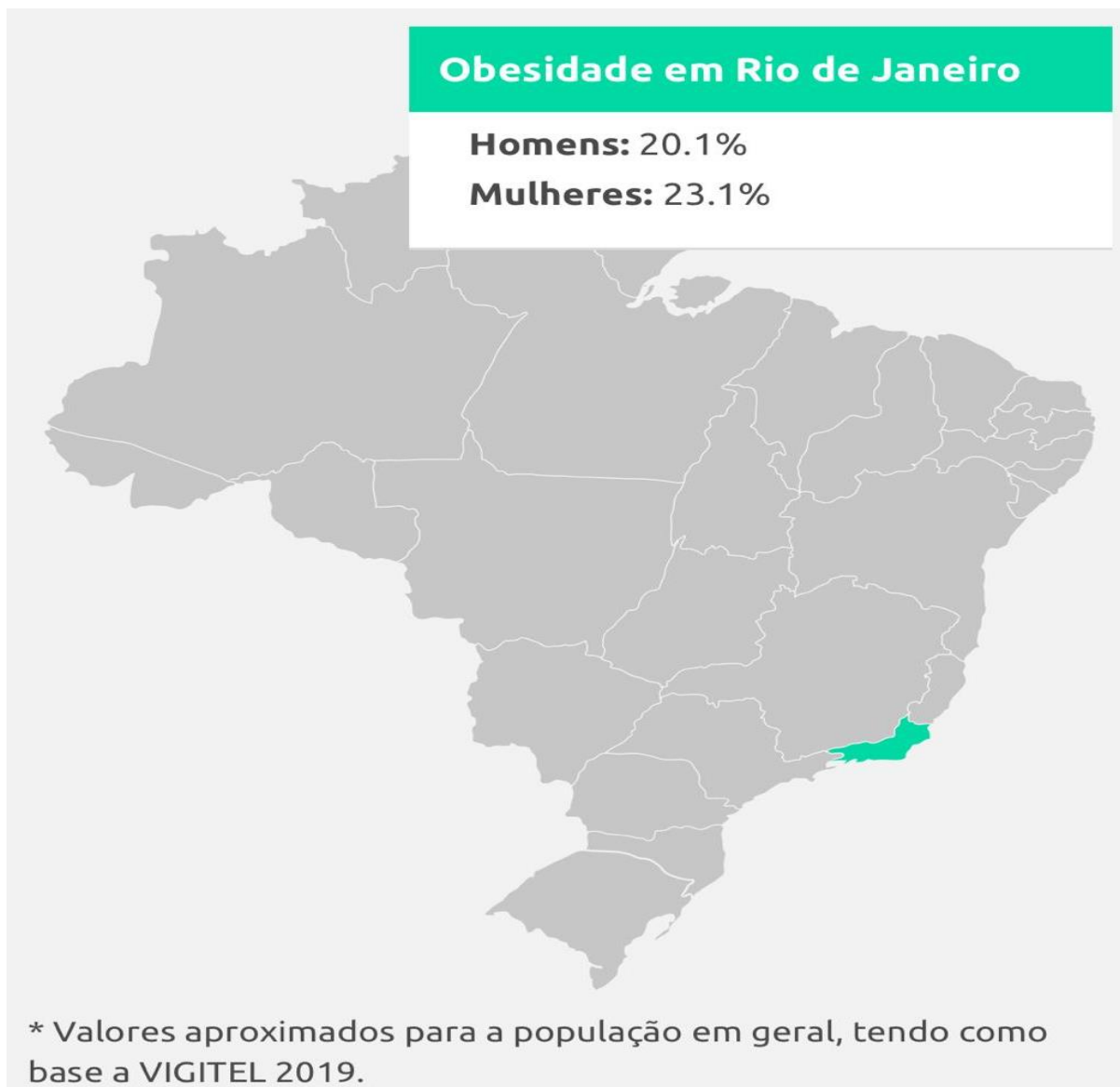


Gráfico 2: Dados da obesidade no estado do Rio de Janeiro

Fonte: ABESO (2019)

QUANTIDADE DE INDIVÍDUOS DO SEXO MASCULINO DE ACORDO COM O IMC

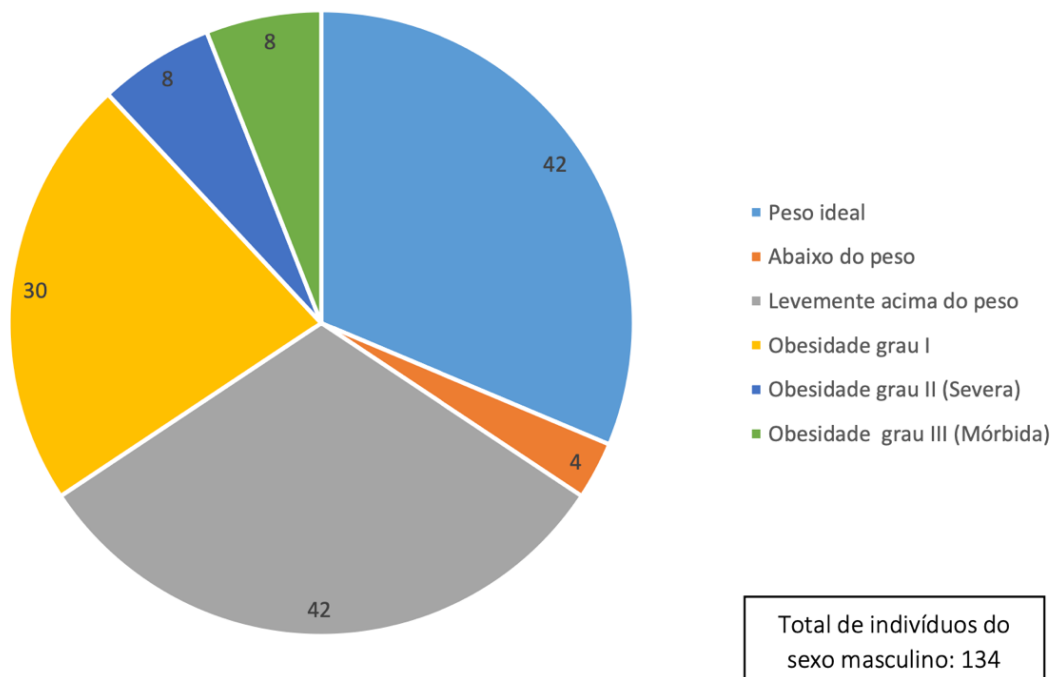


Gráfico 3: Dados totais na pesquisa municipal - SEXO MASCULINO

Fonte: Autores

Dados obesidade municipal - sexo masculino de acordo com o IMC

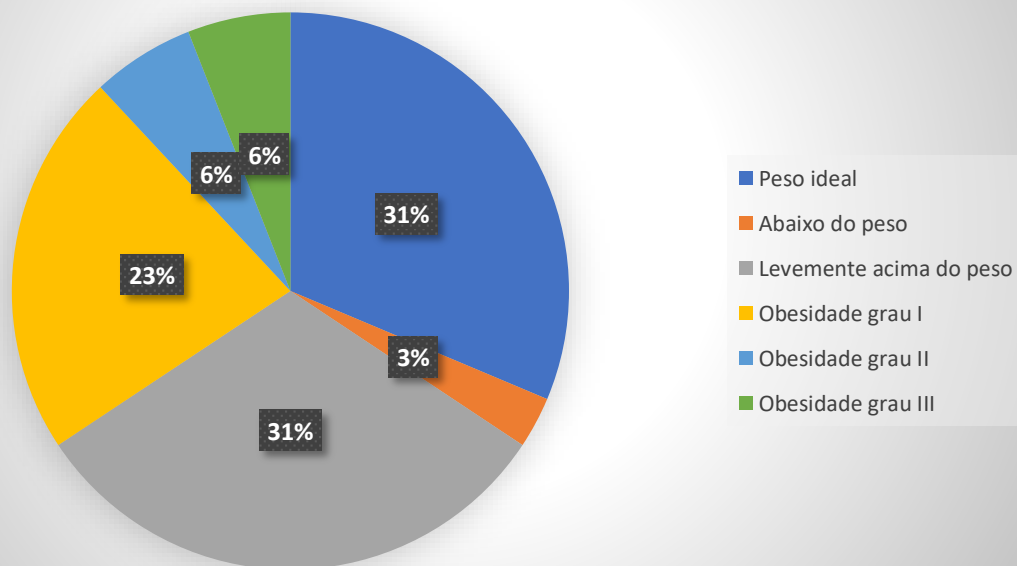


Gráfico 4: Dados em porcentagem na pesquisa municipal - SEXO MASCULINO

Fonte: Autores

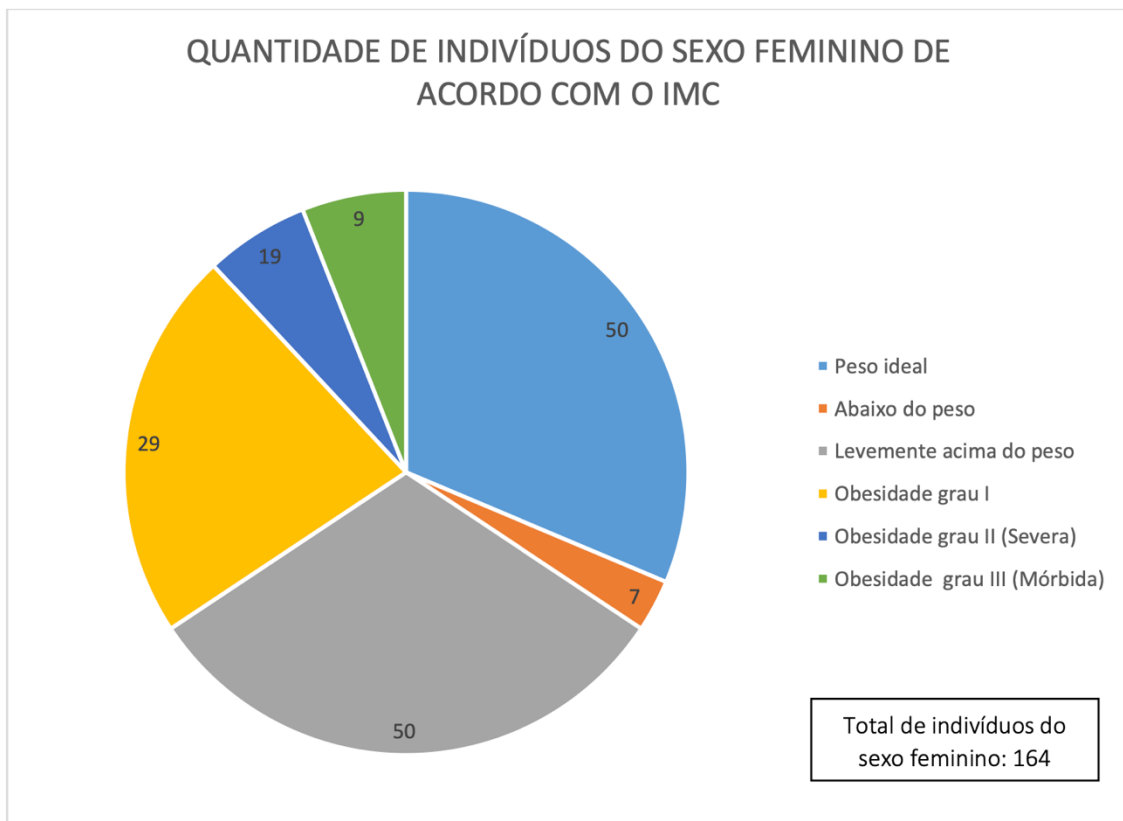


Gráfico 5: Dados totais na pesquisa municipal - SEXO FEMININO

Fonte: Autores

Dados obesidade municipal - sexo feminino de acordo com o IMC

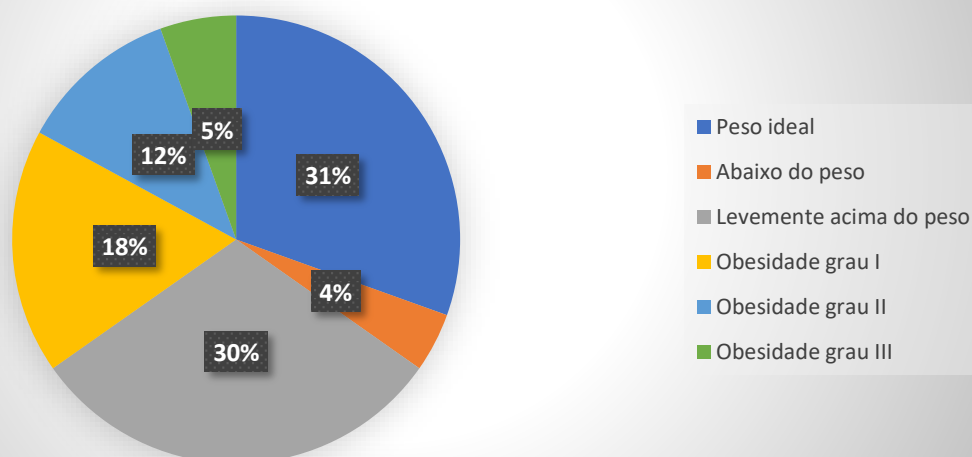


Gráfico 6: Dados em porcentagem na pesquisa municipal - SEXO FEMININO

Fonte: Autores

É de suma importância que o preenchimento adequado dos dados referentes ao paciente no prontuário médico seja uma forma de garantir veracidade durante as consultas e também alinhar o atendimento, tendo como finalidade proporcionar os cuidados necessários para o paciente em questão. Dessa forma, o não preenchimento completo dos dados por parte dos profissionais da área da saúde dificulta obter com precisão a altura e o peso para calcular o Índice de Massa Corporal (IMC), podendo interferir na tomada de decisões.

Para se calcular o Índice de Massa Corporal (IMC) de um paciente corretamente é necessário registrar os dados (peso e altura) no prontuário médico através do profissional, por isso, deve-se garantir que os dados essenciais sejam coletados e documentados de maneira precisa para obter o IMC exato.

RESULTADOS

Selecionamos, aleatoriamente, sem nosso conhecimento dos sujeitos de forma prévia, 380 fichas/prontuários médicos, sendo que, por projeção, cinquenta por cento (50%) foram do sexo masculino e cinquenta por cento (50%) do sexo feminino; com relação à raça e gênero, por ser um quesito pertinente à autodeclaração, não determinamos o quantitativo; com relação à faixa etária verificamos trinta e quatro por cento (34 %) de pessoas adultas entre 18 a 30 anos, trinta e três por cento (33 %) de pessoas adultas entre 31 e 40 anos e trinta e três por cento (33 %) de pessoas adultas entre 41 e 60 anos. O quesito renda/classe não foi determinante para a avaliação dos prontuários, pois os assistidos pelo CACI são pacientes de baixa renda.

Com relação aos hábitos de vida, identificamos que a população atendida pelo CACI possui pouco acesso a alimentação nutritiva (com valores nutricionais consideráveis ricos em proteínas e vitaminas) e fácil acesso à alimentação calórica (rica em carboidratos e açúcares, assim como alimentos ultraprocessados).

Com isso, obtivemos os seguintes resultados finais:

- a) A pesquisa comparativa denotou uma relevância do aumento do peso populacional do grupo feminino em relação ao grupo masculino no âmbito municipal;
- b) Duas respostas possíveis para a crescente presença da obesidade do município são: os fatores socioeconômicos de acesso à alimentação saudável e de qualidade – a população tem hábitos alimentares ricos em calorias (carboidratos e açúcares) e baixa qualidade nutritiva; as dificuldades de acesso a hábitos de vida saudáveis, no que se concerne às práticas de atividades físicas;
- c) O grupo ‘mulheres’, de acordo com Bogea (2021), sofrem mais pelo aumento populacional também pelas influências hormonais, acumulando, com maior facilidade, gordura do que massa magra;
- d) Pesquisas futuras sobre os hábitos de vida saudável da população itaperunense, assim como a relação socioeconômica, podem ilustrar o quadro das reais condições de vida e alimentação locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABESO (São Paulo). **Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e Síndrome Metabólica: mapa da obesidade**. Mapa da Obesidade. 2023. Disponível em: <https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade/>. Acesso em: 12 abr. 2023.

ALMEIDA, A. C. N. et alli. Corpo, estética e obesidade: reflexões baseadas no paradigma da indústria cultural. **Revista Estudos**, Goiânia, v. 33, n.9-10, p. 789-812, set/out de 2006.

ALMEIDA, G. A. N. et alli. A Imagem Corporal de Mulheres Morbidamente Obesas Avaliada através do Desenho da Figura Humana. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2002, v. 15, n.2, pp. 283-292.

ALMEIDA, R. J. **Obesidade nos corpos das mulheres e os olhares sobre os discursos medicalizante**. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Sociais – Departamento de Sociologia – UnB. 2013. Extraído de: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14052/1/2013_RogérioJoseAlmeida.pdf

ALMEIDA, R. J. O corpo feminino na cultura sexista: a perspectiva de mulheres ainda obesas e de ex-obesas que se submeteram à cirurgia. In: **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 29, n. 1 – Jan./Jun. 2016 – ISSN online 1981-3082 Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/30262/pdf>

BADINTER, E. **XY: Sobre a Identidade Masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAPTISTA, T. J. R. ZANOLLA, S. R. S. Corpo, estética e ideologia: um diálogo com a ideia de beleza natural. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 999-1010, jul./set. de 2019.

BAPTISTA, T. J. R. **Obesidade e a indústria do emagrecimento**. Extraído de: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000100009&lng=e&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 19 ago. 2019.

BARROS, M. L. et al, **Qualidade de vida entre obesos mórbidos e pacientes submetidos à cirurgia bariátrica**. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v17/n2/pdf/v17n2a15.pdf>. Acesso em 10 Novembro 2019.

BATTISTELLI, Ceres. Número de cirurgias bariátricas no Brasil aumenta 46,7%. **Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica**. São Paulo, p. 1-1. 11 jul. 2018. Disponível em: <https://www.sbcbm.org.br/numero-de-cirurgias-bariatricas-no-brasil-aumenta-467/>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BAUMAN, Z. **44 cartas para o mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

BOCAGE-BARTHÉLÉMY, Y., et al. Evidence that Social Comparison with the Thin Ideal Affects Implicit Self-Evaluation. **International Review of Social Psychology**, v. 31, n.1-2, 2018, p. 14-28.

BOGEA, M. A. Quando a obesidade tem causa hormonal. 2021. Disponível em <https://www.bogea.com.br/post/quando-a-obesidade-tem-causa-hormonal>. Acesso em abril de 2024.

BORDALO, L. A. **Cirurgia bariátrica**: como e por que suplementar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v57n1/v57n1a25.pdf>. Acesso em 12 Novembro 2018.

BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade. Uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A. M. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2010. p. 19-41.

BORDO, S. **Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body**. California: University of California Press, 2014.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Coleção Memória e sociedade. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOND, Letycia. Obesidade no país aumentou entre 2006 e 2018, diz pesquisa: a taxa passou de 11,8% para 19,8%. **EBC: Agência Brasil**. Brasília, 25 jul. 2019. Saúde, p. 1-1. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-07/obesidade-aumentou-no-pais-entre-2006-e-2018-diz-pesquisa>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BRASIL. **Obesidade cresce 60% em dez anos**. 2017a. Extraído de: <http://www.brasil.gov.br/noticias/saude/2017/04/obesidade-cresce-60-em-dez-anos-no-brasil>

BRASIL. AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR. DIRETORIA DE NORMAS E HABILITAÇÃO DOS PRODUTOS. GERÊNCIA-GERAL DE REGULAÇÃO ASSISTENCIAL. GERÊNCIA DE MONITORAMENTO ASSISTENCIAL. COORDENADORIA DE INFORMAÇÕES ASSISTENCIAIS. **Manual de diretrizes para o enfrentamento da obesidade na saúde suplementar brasileira**. Rio de Janeiro: ANS, 2017b. 45 p. Disponível em: http://www.ans.gov.br/images/Manual_de_Diretrizes_para_o_Enfrentamento_da_Obesidade_na_Saúde_Suplementar_Brasileira.pdf. Acesso em: 22 ago. 2019.

BROWN, Peter J.; KONNER, Melvin. An anthropological perspective on obesity. In: GOODMAN, Alan H et al. **Nutritional Anthropology: Biocultural Perspectives on Food and Nutrition**. 2. ed. Londres: Oxford University Press, 2012. p. 22-46.

CAMARGO, B. V. et ali. Representações sociais do corpo: estética e saúde. **Temas em Psicologia**, 2011, v. 19, n. 1, p. 257 – 268.

CASTRO, M. R. et alli. Função e imagem corporal: uma análise a partir do discurso de mulheres submetidas à cirurgia bariátrica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 167-183, dez. 2010.

CHAUVIN, S. JOUNIN, N. A observação direta. In: PAUGAM, S. et. al. **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 124-140.

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.185-206, jul/dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>. Acesso em: 04 jun. 2019.

COPAL, Juadir Antonio. **Cirurgia Bariátrica**: Trama dos significados prévios à tomada de decisão (2013). 170 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2013

COSTA, C. C. A. *et al.* **Obesidade em clientes candidatos a cirurgia bariátrica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/a09v22n1>. Acesso em 16 Março 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo. In: **Políticas do Corpo**. Denise B. Sant'Anna (org.). São Paulo: Liberdade, 1995. p. 81-114.

COURTINE, J. J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis: Vozes, 2013.

CUNHA, A.C.P.T. *et al.* **Indicadores de obesidade e estilo de vida de dois grupos de mulheres submetidas à cirurgia bariátrica**. **Fitness & Performance Journal**, v. 5, nº 3, p. 146-154, 2006

DIETRICH, P. LOISON, M. ROUPNEL, M. Articular as abordagens quantitativa e qualitativa. In: PAUGAM, S. *et al.* **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 171-182.

FISCHLER C. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: **Políticas do Corpo**. Denise B. Sant'Anna (org.). São Paulo: Liberdade, 1995. p. 69-82.

FREDERICO, Grazielle. Obesidade atinge 1 em cada 5 brasileiros, aponta pesquisa do Ministério da Saúde: Em 10 anos, população obesa no Brasil passou de 11,8% em 2006 para 18,9% em 2016. Pesquisa Vigitel entrevistou 53,2 mil maiores de 18 anos nas capitais do país. **G1**. Distrito Federal, 11 abr. 2017. Bem Estar, p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/obesidade-atinge-1-em-cada-5-brasileiros-aponta-pesquisa-do-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2019.

GAMA, B. K. G. AZIZE, R. L. 'Fat studies' e a produção de conhecimento situado: Notas sobre o sexto Congresso Internacional de Estigma do Peso. **Enfoques**, Rio de Janeiro, XIX Jornada Discente do PPGSA/UFRJ, pp. 1-9, 2019

GLOBO. Mais da metade da população brasileira está acima do peso, diz Ministério da Saúde: Dados divulgados nesta quinta-feira (25) mostram que 55,7% da população está com Índice de Massa Corporal acima do valor considerado 'normal' pela OMS. Já o número de obesos está estável desde 2015, com pequena variação. **G1**. Rio de Janeiro, 25 jul. 2019. Ciência e Saúde, p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/07/25/mais-da-metade-da-populacao-brasileira-esta-acima-do-peso-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

GOMES, G. M. B. **Cirurgia bariátrica**: mudanças no padrão alimentar e na qualidade de vida. (2007). 98 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Nutrição. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011
HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2012.

HENRIQUES, P. DIAS, P. C. BURLANDY, L. A regulamentação da propaganda de alimentos no Brasil: convergências e conflitos de interesses. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.30, n.6, pp.1219-1228, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v30n6/0102-311X-csp-30-6-1219.pdf>

JUSTO, Ana Maria. **Corpo e representações sociais**: sobrepeso, obesidade e práticas de controle de peso. 2016. 249 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/167973>.

KAKESHITA, I.S. et al. Construção e fidedignidade teste-reteste de escalas de silhuetas brasileiras para adultos e crianças. **Psicologia: teoria e pesquisa**; v.25, n.2, p.263-270. Abr-jun. 2009.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOPES, I. M. **Aspectos genéticos da obesidade**. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v17n3/21882.pdf>. Acesso 09 Novembro 2018.

MANZINI, E. J. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**. Anais. Bauru: USC, 2004. v. 1. p. 01-10. Extraído de: <http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/images/pdf/manzinibauru2004.pdf>. Acesso em 05 de nov. 2018.

MEDEIROST, C. C. C. Habitus e Corpo Social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre. V. 17. N. 01, p. 281-300, jan-mar, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115319264015.pdf>. Acesso em: 10 de novembro de 2019.

NEGRÃO, Renata de Jesus da Silva. **Cirurgia bariátrica: revisão sistemática e cuidados de enfermagem no pós-operatório**. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo., Universidade de São Paulo., São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7139/tde-18102006-161459/publico/Renata_Negrao.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRIÇÃO (UNB). 72% das propagandas de alimentos vendem más opções à saúde. **Carta Maior**, Brasília, 2008. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/72-das-propagandas-de-alimentos-vendem-mas-opcoes-a-saude/5/14134>

PAUGAM, S. et. al. **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2017.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, P. **A escrita da História**. São Paulo: EdUnesp, 1992. p. 291-326.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Senac, 2013.

RESGALA JÚNIOR, Renato Marcelo. **ENTRE PESOS E MEDIDAS**: as representações de corpo e gênero em pacientes da cirurgia bariátrica / Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2023.- Campos dos Goytacazes, RJ, 2023.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. In: **Perspectiva**. Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 121-49, jan/jun, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10210/9437>. Acesso em dezembro de 2019.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, P. **A escrita da História**. São Paulo: EdUnesp, 1992. p. 63-96.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, v.15, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: maio de 2019.

SENKEVICS, A. S. POLIDORO, J. Z. Corpo, gênero e ciência: na interface entre biologia e sociedade. **Revista da Biologia**, IBUSP, São Paulo, n. 9, v.1, p. 16-21, 2012.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA BARIÁTRICA E METABÓLICA. Disponível em: <https://www.sbcbm.org.br/obesidade-atinge-mais-de-67-milhoes-de-pessoas-no-brasil-em-2022/>. Acesso em março de 2023.

STENZEL, Lucia Marques. **Obesidade**: o peso da exclusão. Porto Alegre: EDUPCRS, 2003.

TANAKA, Denise Spósito; PENICHE, Aparecida de Cássia Giani. Assistência ao paciente obeso mórbido submetido à cirurgia bariátrica: dificuldades do enfermeiro. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 22, n. 5, p.618-623, out. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n5/en_04.pdf. Acesso em: 09 maio 2019.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente – da Idade Média ao século XX. Marcus Penchel (trad.). Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. Panóplias corretoras: balizas para uma história. In: **Políticas do Corpo**. Denise B. Sant’Anna (org.). São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 21-38.
VIGARELLO, G. A história e os modelos dos corpos. **Pro-Posições**, v. 14, n. 2, p. 21-29, maio/ago, 2003.

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Health Statistics 2014**. OMS. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/112738/1/9789240692671_eng.pdf?ua=1 Acesso em 04 Maio 2019.

ZEVE, Jorge Luiz de Mattos; NOVAIS, Poliana Oliveira; OLIVEIRA JÚNIOR, Nilvan de. Técnicas em cirurgia bariátrica: uma revisão da literatura. **Revista Ciência & Saúde**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 132-140, ju./dez. 2012. Disponível em:<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faenfi/article/view/10966/8206>. Acesso em: 09 jun. 2019.

Sobre os Autores

Renato Marcelo Resgala Júnior é professor titular do Centro Universitário Redentor – AFYA; graduado em Letras e Ciências Sociais; Mestre em Letras (UFSJ); Doutor de Sociologia Política (UENF): e-mail: renato.resgala@uniredentor.edu.br

Thaís Coimbra Batista é acadêmica de Medicina do Centro Universitário Redentor – AFYA: e-mail: thaiscoimbra0@gmail.com

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à PROPEXXI – UNIRENTOR pelo apoio financeiro; ao CACI – Escola Clínica do UNIRENTOR pela disponibilidade e auxílio na coleta de material.